



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Giorane Alves de Souza

Universidade Estadual da Paraíba

orcid.org/0000-0002-2237-7269

giorane.oficial@hotmail.com

Maria Simone Marinho Nogueira

Universidade Estadual da Paraíba

orcid.org/0000-0003-1141-3911

mar.simonem@gmail.com

A representação do feminino em James Joyce e Ronaldo Correia de Brito

RESUMO: Propomo-nos, neste trabalho, a analisar a maneira como o sistema patriarcal interfere nas escolhas das protagonistas dos contos Eveline, de James Joyce, e Cícera Candóia, de Ronaldo Correia de Brito, posto que ambas as narrativas dão enfoque a aspectos particulares da vivência feminina em situações de opressão. Inicialmente, focamos em aspectos gerais do movimento regionalista, visto que os contos em análise fazem, em maior ou menor grau, parte de obras com traços regionalistas; posteriormente, refletiremos sobre a posição da mulher na sociedade e como isso é representado nas narrativas em questão; e, por último, faremos um estudo da representação do feminino nos contos, considerando que o meio em que estão inseridas, acaba corroborando para as decisões tomadas pelas protagonistas, limitando o escopo de suas possibilidades enquanto mulheres. Os resultados obtidos por meio da análise dos dois contos dizem respeito aos espaços diferentes em que cada personagem se desenvolve: Eveline, o espaço interno (o fluxo da sua consciência), Cícera, o espaço externo (a seca que provoca o êxodo), ambos, entretanto, espaços em transformação. Apesar de distintos e localizados em contextos diferentes, não deixam, entretanto, de ser fundamentais, enquanto configurações de espaços sociais, para as decisões tomadas pelas duas protagonistas. Nosso referencial teórico-metodológico é Butler (2016), Wollstonecraft (2015), e Leite (1994).

PALAVRAS-CHAVE: Feminino; Regionalismo; Sistema Patriarcal.

A MUSA, A OUTRA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Cada vez mais nota-se o crescimento dos debates em torno dos estudos de gênero, advindos tanto da Academia, quanto de outros espaços da nossa sociedade. Há de se notar, ainda, que tais debates trazem à tona as mais diversas questões no que se refere ao posicionamento do indivíduo no meio em que vive e os pilares usados por este meio para moldar o comportamento dos mais diversos grupos. Dentre esses grupos, procuramos dar notoriedade, nesta análise, às mulheres, pois elas são constantemente oprimidas e apagadas em relação ao homem, visto que, segundo a teórica francesa Simone de Beauvoir, “a relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos” (BEAUVOIR, 2016, p. 11), isto é, não é de uma paridade integrante, mas sim uma relação em que se percebe uma certa exclusão daquele que é chamado de sexo frágil.

Como dito por Judith Butler, conceituada estudiosa norte-americana dos estudos de gênero, algumas teóricas feministas asseguram que o gênero é, na verdade, uma relação, ou um conjunto de relações, ao invés de ser um atributo individual (BUTLER, 2016). Outras, no entanto, como faz a própria Beauvoir, argumentam que o único gênero marcado é o feminino, e que, portanto, a pessoa universal e o gênero masculino se fundem no que seria um único gênero (Cf. BUTLER, 2016, p. 31). Tal visão acaba por definir a mulher a partir da visão dos homens, enaltecendo estes como sendo os verdadeiros portadores de uma personalidade universal, capaz de transcender o corpo. Deste modo, resta à mulher o aspecto coadjuvante da existência, de outridade, de ser o segundo sexo.

Sendo assim, as mulheres têm sido constantemente postas em uma relação de inferioridade perante os homens, o que vem dando azo a uma contínua torrente de repressão ao gênero feminino, repleta de preconceitos e noções preestabelecidas que diminuem a mulher enquanto indivíduo. Este aspecto de sua vivência, contudo, não é algo que tomou a atenção apenas de estudiosas contemporâneas. Em *A Reivindicação dos direitos das mulheres*, publicado em 1792, Mary Wollstonecraft, já afirmava que as

mulheres são sempre tidas ou como seres imorais, ou “tão



fracas que devem ser completamente sujeitas às faculdades superiores dos homens" (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 49)ⁱ.

Esta noção patriarcal se faz presente não somente na vida real, mas é também representada na história da literatura universal.

Para cada Elizabeth Bennetⁱⁱ que clamava pela transcendência feminina, houve um Hamlet que exclamava "Frivolidade, o teu nome é mulher" (SHAKESPEARE, 2017, p. 186 – Cena II, Ato I). E, apesar de ter sido colocada em situação de inferioridade, a mulher foi, continuamente, tema de interesse principal de diversas obras literárias – tendo sido estas, em grande parte, inclusive, escritas por homens, como já apontava Woolf, em seu célebre ensaio *A room of one's own* (1929)ⁱⁱⁱ. Assim, a figura feminina tem transitado em espaços onde por vezes é *musa*, e por vezes é *outra*, revelando, deste modo, um notável paradoxo presente em sua existência.

Posto isso, nos propomos a analisar a maneira como o patriarcalismo interfere na vivência do sujeito feminino nos contos "Eveline", de James Joyce, e "Cícera Candóia", de Ronaldo Correia de Brito, já que ambas as narrativas chamam atenção para aspectos particulares da vivência feminina em situações de opressão em contextos específicos. Inicialmente, daremos foco a aspectos gerais do movimento regionalista, visto que os contos em análise fazem, em maior ou menor grau, parte de obras com traços regionalistas; em seguida, refletiremos sobre a posição da mulher na sociedade e como isso é representado nas narrativas em questão; e, por fim, faremos um estudo da representação do sujeito feminino em ambos os contos, atentando para as considerações feitas nas seções anteriores às análises principais.

DAS FACES DO REGIONALISMO

De acordo com a estudiosa Lúcia Miguel-Pereira, em seu livro *História da literatura brasileira* (1973), os críticos literários têm defendido a tese de que regionalismo nada mais é do que uma corrente literária à qual pertence qualquer livro que de forma intencional ou não traduza peculiaridades locais (MIGUEL-PEREIRA, 1973). E dessas peculiaridades locais dá-se notoriedade a paisagens, costumes, superstições

etc^{iv}. Mas, segundo Ligia Chiappini Moraes Leite, grande estudiosa do regionalismo no Brasil, em seu texto *Velha praga? Regionalismo literário brasileiro* (1994), o movimento regionalista é entendido, comumente, como movimento que tematiza não somente o regional, mas, sobretudo, o rural (CANDIDO, apud LEITE, 1994).



Segundo Leite (1994), essa visão acerca do regionalismo se mostra limitada, e acaba por não conceber toda a abrangência geográfica e histórica do movimento (LEITE, 1994). Nas palavras da estudiosa:

Mesmo essa restrição do conceito não impede que, como categoria histórico-crítica, o regionalismo seja excessivamente abrangente abarcando autores e obras muito diferentes entre si, originados e/ou localizados em diversas regiões de norte a sul do Brasil, distribuídos em diferentes momentos da nossa história, do romantismo aos nossos dias (LEITE, 1994, p. 667).

Além de denotar a grandeza e diversidade de uma nação, como explicitado no excerto acima, faz-se necessário notar, ainda, que o regionalismo presente nos manifestos, prefácios e depoimentos, pode, segundo a estudiosa, ser analisado também enquanto uma espécie de discurso político (LEITE, 1994, p. 668), capaz de atentar para a representação ou apresentação de indivíduos marginalizados, como brasileiros pobres de culturas rurais diferenciadas, cujas vozes se buscam concretizar pela letra; atraindo, deste modo, um esforço em transformá-las audíveis ao leitor da cidade (LEITE, 1994).

Portanto, nesse fluxo de vozes podemos ouvir as histórias dos mais diversos indivíduos, inclusive dar protagonismo àqueles e àquelas cujo silenciamento já se fez tradição, tal como as protagonistas dos contos em análise, *Eveline* e *Cícera Candóia*. Assim, somos capazes de atentar para as suas respectivas experiências individuais de vida, e o que essas experiências dizem a respeito do espaço em que vivem, trazendo à tona questões acerca da cultura, costumes e realidades desses lugares.

Por outro lado, tornando a tratar da reação ao regionalismo, vale salientar que nem todo mundo reagiu ao movimento regionalista de forma aberta como fez a estudiosa Ligia Chiapinni Moraes Leite. Para os integrantes da

Semana de Arte Moderna, por exemplo, o regionalismo soava sempre como algo limitado ou "superado" (Cf. LEITE, 1994, p.



669). A título de exemplo, se tem a opinião do escritor modernista Mário de Andrade, publicada no Diário Nacional:

Regionalismo é mate aqui, borracha ali [...] pobreza sem humildade [...] caipirismo e saudosismo, comadrismo **que não sai do beco e, o que é pior, se contenta com o beco.** [...] Regionalismo, esse não adianta nada nem para a consciência da nacionalidade. Antes a conspurca e depaupera-lhe estreitando por demais o campo de manifestação e, por isso, a realidade (ANDRADE, 1928 – grifos nossos).

Ao contrário de Chiappinni, Mário de Andrade via o regionalismo enquanto retrocesso da arte brasileira, e a sua opinião se fortificou justamente por fazer parte de um movimento que buscava pelo avanço. Para ele, portanto, dar importância ao regionalismo, naquele período em específico, seria condenar o país à regressão. Sabe-se, por outro lado, que tanto o modernismo como o regionalismo são, na verdade, manifestações específicas na literatura, do que seria uma problemática mais geral da cultura da política e da organização da nossa sociedade como um todo (LEITE, 1994). Sendo assim, o movimento regionalista merece, tanto quanto o modernista, uma crítica justa e livre de preconceitos, que o compreenda enquanto manifestação constituinte da história do Brasil, posto que ele é capaz de dar protagonismo às vozes que foram marginalizadas e/ou silenciadas na nossa cultura.

Dado o exposto, nas seções a seguir, daremos atenção a aspectos referentes à vivência do sujeito feminino em *Eveline*, de James Joyce, e *Cícera Candóia*, de Ronaldo Correia de Brito. Buscaremos atentar para como aspectos geográficos, culturais e sociais interferem tanto na vivência das protagonistas destes contos, como no rumo que elas decidem tomar em suas vidas. Por fim, discutiremos sobre os acontecimentos finais de cada narrativa, e como as decisões tomadas por ambas as protagonistas subvertem ou acatam a ordem patriarcal.

O REGRESSO DE EVELINE

"Não havia em seus olhos sinal de amor ou de saudade. Parecia nem mesmo reconhecê-lo" (James Joyce).

Eveline é um dos textos da coletânea de contos *Dublinenses* (1914), do célebre escritor irlandês James Joyce, que conta a história da personagem homônima, uma moça que, prostrada em



um ambiente doméstico repleto das represálias advindas de seu pai, além dos afazeres que ocupam o seu dia, vê-se encarando a possibilidade de fuga com o seu então namorado, Frank. Inicialmente, somos apresentados à protagonista enquanto uma moça entristecida e exaurida pela rotina de angústias, que vislumbra o exterior de sua casa sentada à beira da janela, onde "contemplava o crepúsculo invadir a avenida. Recostara a cabeça na cortina e sentia o odor poeirento do cretone. Estava cansada" (JOYCE, 2012, p. 31). Esta imagem, muito comum na literatura, representa bem a situação de mulheres nas mais diversas sociedades, isto é, uma mulher contemplando o campo externo de um mundo que a oprime das mais diferentes maneiras, enquanto que, no interior de seu lar, sua identidade está constantemente sendo posta em posição inferior às figuras masculinas que a cercam. A título de exemplo, tem-se a protagonista de *A fuga*, de Clarice Lispector, que passa por uma situação semelhante, e até mesmo a personagem de *Cícera Candóia*, que receberá atenção em outro momento deste texto.

Mas, voltando à situação de Eveline, ao olhar para fora do lar, ela nota um ambiente diferente daquele ao qual havia se acostumado quando era criança, como é expresso no excerto abaixo:

Antigamente havia ali um terreno baldio onde, ao entardecer, ela brincava com as crianças dos vizinhos. Mais tarde, um homem de Belfast comprara o terreno e construíra casas nele – não como aquela em que morava, pequena e escura, mas casas de tijolos claros e telhados luzidios (JOYCE, 2012, p. 31 – grifos nossos).

Eveline presencia, deste modo, a mudança do espaço que a cerca, e em um movimento antagônico, ela nota que, ao passo que o mundo ao seu redor ganha cor e melhora de aspecto, a sua vida ali vai se tornando cada vez mais obscura e repressiva. Tal fator pode ser confirmado pelo próprio uso das cores para refletir o estado das coisas na narrativa, como a sua casa, que era "pequena e escura" (cf. JOYCE, 2012, p. 31), ao passo que os tijolos das novas casas sendo construídas ali eram claros, e de "telhados luzidios" (cf. JOYCE, 2012, p. 31), o que denota valores positivos aos tons claros e negativos aos escuros.

Toda essa carga negativa que lhe corrói o espírito se dá, em grande parte, devido à figura do pai que, desde a morte de sua



mãe, havia se tornado um verdadeiro autocrata. O narrador tece, inclusive, um contraste entre a personalidade do seu pai antes e depois da morte da matriarca da casa. Antes, ele “não era tão mau” (JOYCE, 2012, p. 31); contudo, posteriormente, “tudo se modificara” (*Ibidem*, p. 31). Assim, ela passa a ser maltratada, sendo constantemente “ameaçada pela violência do pai” (*Ibidem*, p. 32) que, nos últimos anos, dizia que “só cuidava dela em respeito à memória de sua mãe” (*Ibidem*, p. 32). Por ser menina, ele nunca havia se importado com ela quando era criança, como fizera com seus irmãos, Ernest e Harry; contudo, com o passar do tempo, Ernest havia morrido e Harry, por questões de trabalho, viajava a maior parte do tempo. Deste modo, ela passou a suportar o alcoolismo do pai e seus maus tratos, chegando inclusive a entregar a ele todo o seu salário – sete xelins – que ganhava com o seu emprego:

[ele] Dizia que ela sempre desperdiçava, que não tinha cabeça, que não daria seu dinheiro, duramente ganho, para ser jogado fora, e coisas ainda piores, pois geralmente estava embriagado no sábado à noite. Acabava por entregar-lhe o dinheiro, perguntando-lhe se ia ou não comprar mantimentos para o almoço de domingo (JOYCE, 2012, p. 32).

11

Com isso, nota-se que Eveline está posta em uma posição de servidão em relação ao pai e é, de alguma forma, roubada por ele, que não usa aquele dinheiro sequer para cuidar dos gastos da casa. Na apresentação do livro *Reivindicação dos direitos das mulheres* (1792), de Mary Wollstonecraft, Daniel Miranda atenta para o fato de que “as mulheres são, de fato, escravizadas pelos homens, mas recebem tanta atenção que preferem manter-se assim” (MIRANDA, *apud* WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 15), ou seja, muitas vezes, mantem-se porque não se dão conta desta escravização ou por confundirem, enquanto seres oprimidos, atenção e escravidão. No caso de Eveline, nota-se que ela realmente é escravizada pelo pai, já que ela trabalha para sustentá-lo e não recebe nada em troca, sequer seu afeto; contudo, cumpre notar que, diferentemente do padrão observado por Miranda, a protagonista não obedece a essa ordem por simples vaidade, mas sim por não ter outra opção de sobrevivência. Sua mãe e um dos seus irmãos faleceram, o outro irmão que ainda está vivo está distante demais para auxiliá-la, portanto, ela parece não ter outra escolha senão suportar aquele cenário.



E é neste contexto que entra em cena a imagem de Frank, seu namorado. Ele era essa figura aventureira que tinha descrito a Eveline as maravilhas que havia visto no mundo e, com a sua ajuda, ela escaparia das garras do pai, pois os dois iriam viajar para Buenos Aires, se casar, e construir uma vida longe de Dublin:

Frank era amável, humano, tinha um grande coração [...] Frank sabia histórias sobre lugares distantes. Principiara como grumete, viajando para o Canadá num navio Allan Line, com o soldo de uma libra por mês. Disse-lhe os nomes dos navios em que havia trabalhado e das diferentes companhias de navegação (JOYCE, 2012, p. 33).

Nota-se, deste modo, que Frank funciona como sendo o oposto tanto de Eveline, como de seu pai. Ele é carinhoso e trata Eveline bem, diferentemente do que ela está habituada com a sua figura paterna, ao passo que também é conhecedor do mundo, já que fez uso da liberdade que tem, enquanto homem, para trabalhar fora, viajar e conhecer outras nações – coisa impossível de ser realizada pela protagonista, pelo fato de ela ser mulher e ter que servir ao seu pai. Em relação a esse aspecto da vida de Eveline, pode-se fazer um diálogo mais uma vez com Mary Wollstonecraft, posto que esta critica a posição que as mulheres ocupavam na sociedade justamente devido à falta de oportunidades que elas têm. Para a estudiosa, elas só escapariam desta situação caso tivessem acesso à educação e a um emprego de qualidade, tal como comumente ocorre com os homens. Segundo a estudiosa “os poucos empregos abertos às mulheres, longe demais de serem liberais, são servis” (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 211), e é claro que, desde a data de publicação do seu livro, muito mudou, porém é indispensável notar que a situação de opressão vivida por mulheres, tais como as que Eveline representa, continuou e continua se verificando no decorrer dos tempos. A própria Eveline trabalha em um emprego simples, numa loja, recebendo uma quantidade de dinheiro que mal é suficiente para sustentar a casa.

Ora, é frente a esse panorama que Eveline decide fugir. Frank compra as passagens e arranja tudo para a partida dos dois, em um navio. Mas, frente as mais diversas possibilidades que a aguardavam, ela decide pesar os prós e contras de sua partida, tal como se pode notar no excerto a seguir:



Havia concordado em partir, em deixar seu lar. Seria sensato? Tentou pesar os prós e contras de sua decisão. Bem ou mal, tinha em casa abrigo e comida. Vivia entre pessoas que sempre conhecera. Precisava, é claro, trabalhar pesado em casa e no emprego. Que diriam na loja ao saberem que fugira com um homem? (JOYCE, 2012, p. 32).

Assim, Eveline entende que, mesmo em uma situação de constante opressão, ela ainda tem a certeza de ter comida e um teto sobre a sua cabeça, e não teria garantia de nada caso viajasse com seu namorado para um lugar desconhecido. Além disso, ela mostra-se preocupada com a reação dos outros em relação à sua partida. Tal comportamento, segundo Miranda, é comum entre as mulheres, visto que elas são ensinadas a preocuparem-se em excesso com a sua reputação, como se a visão dos outros representasse para elas a imagem que se tem de si mesmas. Para o estudioso, “a moral da mulher fica enfraquecida quando acredita que a reputação é a característica mais importante a ser mantida intacta” (MIRANDA, 2015, p. 17). De qualquer modo, é pensando na sua reputação, e no peso social que ela carrega, que Eveline decide ficar.

Todavia, ela entra em um verdadeiro conflito em relação às suas decisões, pois Frank representa, para ela, tudo aquilo que era bom, e de que ela tinha sido privada há tanto tempo, tal como se percebe no trecho abaixo:

Levantou-se num súbito impulso de terror. Fugir! Frank a salvaria. Daria-lhe uma vida, talvez também amor. Queria viver. Por que haveria de ser infeliz? Tinha direito à felicidade. Frank ia envolvê-la em seus braços, protegê-la. Ele a salvaria (JOYCE, 2012, p. 34).

Mas ela percebe que tudo seria diferente, e este é o seu medo. Ao partir para viver em outro país, ela mudaria de *status*, estaria casada, e “as pessoas iriam tratá-la com respeito” (JOYCE, 2012, p. 32), mas, em Dublin, ela trabalhava para manter tudo em ordem e fazia com que as crianças de quem cuidava se alimentassem direito e fossem para a escola: “era trabalho duro, vida dura, mas agora que ia partir não a julgava uma vida totalmente indesejável” (*Ibidem*, p. 33).

Somos deixados, ao final do conto, com a imagem de Frank gritando por ela, ao passo que Eveline solta a sua mão, e desiste de partir com ele no navio. Assim, mal iniciou de fato a sua viagem, Eveline já decide regressar à vida reservada a ela que, por mais difícil que fosse, era ainda constituinte da realidade que conhecia, com as pessoas com quem sempre conviveu, e com a certeza de que, por maior que



fosse a tristeza em seu coração, havia ainda um lugar para morar e um emprego para se sustentar. Por fim, ao decidir ficar, Eveline se submete, uma última vez, à ordem patriarcal, uma vez que, ao invés de tentar se libertar das amarras que a prendem àquele mundo de opressão, ela resolve subordinar-se a elas mais uma vez, indo ao encontro de um destino que para ela seria infeliz, porém incontestável e cheio de certezas, por mais dolorosas que essas certezas fossem.

O ADEUS DE CÍCERA CANDÓIA

"Só Ciça tinha o cuidado do tempo e a cada instante era um confrangimento na alma, uma ruga no rosto" (Ronaldo Correia de Brito).

"Cícera Candóia" é um dos textos de *"Faca: livro dos homens"* (2003), de Ronaldo Correia de Brito, que conta a história da personagem que dá nome ao conto: uma jovem do interior do Nordeste, responsável por cuidar da mãe, uma senhora já de idade, muito doente, e com o estado mental abalado pelo luto. Elas vivem em um contexto de seca, em um movimento de êxodo rural, já que as condições de vida se mostravam severas e as oportunidades diminuía dia após dia. Cícera tinha um pai, mas este foi morto em uma briga com um dos filhos, e mais sete irmãos – todos viajaram para longe e foram construir as suas próprias vidas. A narrativa se constrói a partir da perspectiva da personagem principal que, querendo deixar aquele ambiente, e tentar viver em um lugar mais próspero e cheio de vida, como os irmãos fizeram, pondera entre a possibilidade de fugir e abandonar a mãe, ou ficar junto a ela e ser infeliz para sempre.

O conto se inicia com um movimento de partida, pois "com o estio dos anos, estavam todos indo embora, e a vila ficava sem pé de gente, um descampado de casas vazias" (BRITO, 2017, p. 114). Mas, em contrapartida, somos apresentados ao impasse de Cícera, que é impossibilitada de seguir o mesmo movimento, já que "não dava para carregar com ela os anos da mãe, vividos ali, seu reumatismo, seus hábitos calejados de mulher do mato" (*Ibidem*, p. 114). Deste modo, assim como Eveline, ela se põe debruçada à janela, onde via "as pessoas passarem e escutava



as notícias da retirada" (*Ibidem*, p. 114). É importante dar ênfase ao peso que a vida da mãe tem sobre as decisões de Cícera, pois, como comumente acontece em um sistema patriarcal, as mulheres são responsáveis por tomar conta das vidas ao seu redor, elas têm de ser bondosas e "niveladas, pela brandura e docilidade" (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 141). Dessa forma, a cautela que ela tem em relação à mãe parte da obrigação que ela tem de ficar ali e cuidar dela, diferentemente dos seus irmãos, que partiram sem dar uma explicação qualquer. Isso é reforçado pela passagem a seguir:

O desprezo das pessoas do lugar, para ela e a mãe suportarem. E a grande sentença do silêncio entre as duas, que nunca mais se olharam. Para Cíça, a condenação já existia no fato de ser mulher, em não poder partir, como os irmãos homens fizeram. Sem que escolhesse, assumia a custódia da mãe e a sua eterna companhia (BRITO, 2017, p. 116).

Mas a figura velha e doente da mãe caminha vagorosamente até a morte, e Cícera tem pressa em viver. Esta figura pode de ser entendida como a representação de um Nordeste privado de vitalidade, que aos poucos vai morrendo também:

Nesse tempo, já não se tinha mais o que fazer no Parambu. A terra não servia para plantar, não havia lavouras para colher, nem roçados para brocar. Os redemoinhos corriam os descampados, as pessoas apressadas escondiam os rostos e arrumavam os poucos pertences para a viagem. Os caminhões seguiam carregados dessa gente magra como o gado que morria de fome e de sede nos pastos secos (BRITO, 2017, p. 115).

A natureza já não era frutífera, e o corpo do Homem, assim como o ambiente que o cerca, murchava por falta de vitalidade. Sendo assim, ficar em Parambu (cidade onde elas residiam) significava padecer juntamente ao meio em que se encontravam, seria morrer na seca que matava tudo ao seu redor. Assim justificam-se as escolhas da protagonista: ficar e morrer, ou partir e viver. E é nesse cenário que somos apresentados à figura de Sebastião Quinzim, namorado de Cícera. Ele, assim como Frank, o namorado de Eveline, é o agente responsável por apresentar à personagem uma tentativa de fuga. Ele lhe dá, inicialmente, a única possibilidade que a libertaria das amarras que a prendem àquele ambiente, pois, segundo ele, para sair dali "vale qualquer doidice" (BRITO, 2017, p. 119). Confusa, ela pergunta a ele o que faria com a mãe caso partisse, ao que ele responde: "dá-se um jeito" (*Ibidem*, p. 114), dando a

entender que seria melhor matá-la. Esta opção é rechaçada pela personagem, mas ela volta a visitá-la por motivos que serão apresentados posteriormente.

A mãe tenta, ainda, reforçar a memória que, como o povo, se esvai daquele espaço. A todo o momento, ela canta antigos cânticos que exaltam a cultura daquele ambiente, numa tentativa de preservar o tempo a que pertencia. Mas é em meio a esses cânticos que ela para e pergunta a sua filha se é verídico o boato de que as pessoas estão todas partindo dali. E assim ela se expressa:

Povo mole. A outra seca durou três anos. Teu pai e eu nos aguentamos por aqui, **porque o lugar da gente era este mesmo**. Esperamos, quietos no nosso canto. E depois de três anos de estio choveu e tudo ficou vivo, como se nascesse outra vez. E a gente foi muito feliz (BRITO, 2017, p. 118 – grifos nossos).

Como se pode observar pelo excerto em destaque, a mãe de Cícera enfatiza o seu lugar de pertencimento, afirmando que aquela terra era o seu destino e, de fato, talvez fosse. Mas ela pertence a um tempo que já passou e, diferentemente dela, sua filha não pode mais residir ali, pois este pertencimento não a afeta igualmente. Ora, para além disso, ela faz uma outra observação, caracterizando essa nova geração de pessoas que quer partir, quando fala que “hoje o povo só pensa em ir embora, em deixar seus cantos” (BRITO, 2017, p. 118). Todavia ela percebe que, assim como o restante das pessoas que ali residem, sua filha quer também ir embora para poder construir uma vida só sua: “Me diga de uma vez, tu estás querendo ir embora?” (*Ibidem*, p. 121). A isso, a filha responde: “Eu não viajo com mãe porque mãe não aguenta a viagem. E também não deixo mãe sozinha aqui, enquanto mãe estiver viva.” (*Ibidem*, p. 121). O silêncio consome a casa durante algumas horas, até que a mãe de Cícera lhe expõe um desejo que sempre teve, sendo este o de “ser enterrada debaixo do pé-de-pau-branco, atrás da casa” (*Ibidem*, p. 121). Seguido à exposição dessa vontade, ela conta a sua filha uma história que detêm grande carga de importância na narrativa:

Teu pai contratou homens pra brocarem um roçado. Eu tive que fazer a comida e levar na roça [...] Os homens comeram e acharam bom, Mas, depois [...] todo mundo botou pra morrer como se estivessem envenenados [...] Saí correndo de casa atrás de leite pros homens beberem. Teu pai, que também tinha comido do feijão, passava mal.





[...] Sabe o que aconteceu? Eu guardava um veneno de matar formiga, dos bem fortes, socado num dos caibros do telhado, justo em cima do fogão. O papagaio de casa, andando pelos caibros, mexeu no embrulho de papel e uma parte do veneno derramou-se no feijão (BRITO, 2017, p. 122 – 123).

Em seguida, ela diz a Cícera onde guardou o veneno. E, deste modo, cria-se uma espécie de aliança entre mãe e filha em que, através do uso da história que contou, assim como os cantos que cantarolava a fim de manter a memória daquele lugar viva, ela sela sua partida com o próprio destino, com o propósito de sacrificar a si mesma pelo futuro da filha. Há de se notar que ela contraria a sua própria vontade original, que era de ter a filha perto dela até o fim. Sua mãe tinha sofrido a dor de perder o marido para a morte e os filhos que sumiram e nunca voltaram, sendo assim, é compreensível que queria ter a filha perto de si em seus últimos dias. Porém, ela sacrifica os seus desejos, pois sabe que eles são incompatíveis com a vontade de Cícera e a vida que a aguarda.

Por fim, Cícera faz uso da licença que a mãe lhe deu para colocar veneno no leite da matriarca. Deste modo, o copo de leite que antes fora uma ferramenta primordial para manter a vida do marido e dos trabalhadores acidentalmente envenenados por sua mãe, tornou-se o mecanismo responsável por tirar-lhe a vida. Ambas, a partir do contrato oral que fizeram, sabiam que Cícera faria uso do veneno, porém, ao oferecer-lhe o leite, como numa espécie de aviso prévio e/ou despedida, disse-lhe para não estranhar o gosto, pois "as cabras haviam mudado de pasto" (*Ibidem*, p. 124). No final das contas, a filha teve ainda o cuidado em atender aos desejos da mãe, visto que a enterrou debaixo da árvore onde queria tirar seu último descanso, pois sabia que ela "sempre desejara o seu aconchego, uma paz de terra molhada, que nunca tivera em vida" (*Ibidem*, p. 124).

E assim se encerra a história, com Cícera escolhendo partir, e deixar a mãe e toda a memória daquele espaço para trás, tal como fizeram os seus irmãos anos antes. Há de se notar, contudo, que esta decisão se faz mais difícil de ser tomada por uma mulher, pois, diferentemente dos homens, ela não tem a mesma liberdade para tomar decisões próprias. Nas palavras de Wollstonecraft:

Ainda há algumas brechas de onde o homem pode sair rastejando, e ousar pensar e agir por si só; mas para a mulher isto é uma tarefa herculana, porque ela

tem dificuldades específicas ao seu sexo para superar, que requer poderes quase super-humanos (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 206).



Logo, ao decidir ir ao encontro do seu destino ela contraria a ordem patriarcal e assume o posto de liderança com as suas próprias escolhas. Ela parte com seu namorado para uma terra mais promissora e conquista o poder da escolha através do sacrifício daquilo que a prendia naquele espaço mórbido. Assim, a protagonista escolhe a vida em detrimento da morte, a felicidade em detrimento da condenação, e a própria vontade em detrimento da vontade de outrem, que a aprisionara em um campo infértil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, o regionalismo é capaz de dar espaço às vozes que foram silenciadas na nossa cultura, portanto, é evidente que o uso dos ambientes dos contos em análise foi primordial para trazer à tona histórias específicas de indivíduos marginalizados, tais as protagonistas que aqui receberam nossa atenção, e entender como as suas vidas se configuraram. Dado o exposto, pode-se notar o quão forte é a influência do espaço, assim como suas respectivas culturas e tradições na vida do indivíduo. As decisões tomadas pelas protagonistas de ambas as histórias se pautaram não somente nas oportunidades que elas tinham ou não, mas também nas configurações do espaço social onde viviam, bem como a relação delas enquanto mulheres com o mundo em sua volta. Com isso, é possível perceber que as mulheres dos contos têm suas escolhas aprisionadas às convenções sociais de seu tempo, que as definem: Eveline, por ser mulher, tem que cuidar da casa, do pai alcoólatra e das crianças em sua tutela, ao passo que Cícera tem que cuidar da mãe idosa, doente e mentalmente instável, que foi abandonada pelos filhos e sofre com a solidão da viuvez.

Do ponto de vista da estrutura dos dois contos, apesar de pertencerem a escritores diferentes no que diz respeito ao lugar, tempo, cultura, enfim, as construções sociais dos contos são bem diferentes uma da outra, podemos

observar que para além de possuírem protagonistas mulheres, apresentam, também, paralelismos interessantes. Por exemplo, em *Eveline*, Joyce usa do recurso do fluxo de



consciência para construir espaços/momentos que se opõem: o interior da casa e o exterior visto pela janela que cruza estes dois espaços; a forma como Eveline lembra do passado e projeta o futuro (a janela pode ser lida novamente como uma imagem do presente em que passado e futuro são pensados) e, por fim, a Eveline que sonha em ser livre (futuro), mas se preocupa com o quê os outros vão pensar (presente).

Já quando olhamos para *Cícera Candóia*, esse paralelismo, que não deixa de expressar uma oposição, ocorre entre duas personagens, mãe e filha. Esta quer fugir da seca (vê um futuro possível); a mãe quer ficar no período de estiagem (já viu isso antes, passado); Cícera ainda é jovem, sua vida está no início; Já a mãe é idosa, sua vida está no fim (ambas, assim, caminham paralelamente para lados contrários). Em termos de movimentos, os dois contos nos permitem pensar algo interessante. Enquanto no conto de James Joyce o movimento se dá do lado de dentro (a mente de Eveline), se considerarmos que todo o conto é um fluxo de consciência; no conto de Ronaldo Correia de Brito, todo movimento se dá do lado de fora, já que há uma grande movimentação de pessoas deixando a cidade, o que torturava Ciça, já que ela não queria ficar parada (morrer) ali.

De toda forma, tanto Cícera Candóia quanto Eveline vivem em espaços em transformação: Eveline presencia o crescimento do espaço exterior à sua casa, ao passo que a infelicidade e o aprisionamento a que está inscrita a embrutece aos poucos; num movimento adverso, Cícera percebe que esse embrutecimento que a afeta não parte somente das convenções que a aprisionam, mas da desconstrução de um espaço de tradições que morre perante os seus olhos. Com isso em mente, para escapar da sua "morte", esta decide fugir, e assim o faz, sacrificando o corpo que a aprisiona: o corpo do outro, da sua mãe. Eveline, contudo, não consegue levar sua ambição a cabo, e presa em um contexto diferente do de Cícera, não consegue engendrar o último suspiro de coragem que lhe falta para partir.

Cumprir notar, porém, que o sacrifício da protagonista do conto de Brito só foi possível, na nossa interpretação, por ser este um corpo feminino. Eveline não poderia quebrar a ordem patriarcal matando o corpo de um homem para poder partir, mesmo sendo este



um corpo corrompido, fragilizado pelo álcool, e moralmente desregrado. Percebe-se que essa jamais fora sequer uma questão cogitada por ela. Por outro lado, a matéria presente na mãe de Cícera, através da idade e doença, pedia passagem para partir, junto à tradição de um lugar seco, afetado pela miséria, tal como o nordeste representado no conto e sobre o qual ela tanto cantarolava.

Assim, opondo-se uma à outra, Eveline solta a mão de Frank, como quem desiste de si mesma, enquanto que Cícera sobe na boleia do caminhão, como quem ascende às costas do destino. Para ficar, Eveline teve que abandonar as suas vontades e obedecer à ordem patriarcal, sacrificando a si mesma. Para partir, Cícera teve que se desfazer do afeto que tinha pela sua mãe para realizar-se enquanto indivíduo livre. A sua mãe teve que morrer, para que ela pudesse viver, ao passo que Eveline teve que se sacrificar para que a ordem patriarcal continuasse a imperar. Dentre a escolha de uma e de outra, uma coisa é certa: independentemente do caminho que optaram por seguir, a ambas foi preciso ter coragem.

20

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Regionalismo*. Jornal: *Diário Nacional*, São Paulo, 14 fev. 1928.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Faca: Livro dos homens*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Revista Argumento*, n. 1, 1973, p. 6-24.

COELHO, Daniella Paez; VIANNA, Vera Luzia Lenz. A condição da estrutura da hesitação: análise do conto "Eveline", de James Joyce, segundo conceitos de Anthony Giddens. In: *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 29: Censura e Violência, jan.-jun. 2017, p. 81-96. – ISSN 1679-849X | 81 |

<http://dx.doi.org/10.5902/1679849X27271>

JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Hamilton Trevisan. 1. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.



LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: (Org. PIZARRO, Ana.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira*. Prosa de ficção de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973, p. 179.

MIRANDA, Daniel M. Apresentação. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Trad. Andreia Reis do Carmo. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2015.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Escritoras medievais: transgressões silenciadas. In: *Vozes de mulheres da Idade Média*. BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). - João Pessoa: Editora UFPB, 2018, p. 132-152.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. Barbara Heliodora. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Souza. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Trad. Andreia Reis do Carmo. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2015.

21

Recebido em 09 de junho de 2020.

Aprovado em 22 outubro de 2020.

THE FEMALE REPRESENTATION BY JAMES JOYCE AND RONALDO CORREIA DE BRITO

ABSTRACT: In this work, we propose an analysis on how the patriarchal system interferes in the choices of the protagonists of the short stories *Eveline*, by James Joyce, and *Cícera Candóia*, by Ronaldo Correia de Brito, since both narratives focus on particular aspects of the female experience in situations of oppression. Initially, we focused on general aspects of the regionalist movement, since the stories under analysis are, to a greater or lesser extent, part of works with regionalist traits; later, we will reflect on the position of women in society and how this is represented in the narratives in question; and, finally, we will study the

A REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.16,
p. 05-22, jul./dez. 2020
ISSN 2525-3441

representation of the feminine in both short stories. Finally, we consider that the environment in which they are inserted ends up corroborating the decisions made by the protagonists, limiting the scope of their possibilities as women. The results obtained through the analysis of the two short stories are related to the different spaces in which each character develop themselves: Eveline, the internal space (her stream of consciousness), Cícera, the external space (the drought that causes the exodus), both however, are spaces in transformation. Despite being distinct and located in different contexts, they are nevertheless fundamental, as configurations of social spaces, for the decisions taken by the two protagonists. Our theoretical-methodological framework is Butler (2016), Wollstonecraft (2015), and Leite (1994).



KEYWORDS: Feminine; Regionalism; Patriarchal System.

ⁱ Para não recuarmos ainda mais, lembramos aqui a escritora Christine de Pizan, logo no início do seu livro *A cidade das damas*, se questiona sobre o modo como os homens se referem às mulheres, ou seja, sempre de forma depreciativa, derivando, daí, uma imagem preconceituosa sobre as mulheres que apenas se reproduz, pois, como afirma a Dama Razão ao ser perguntada por Christine de Pizan sobre a causa de os homens detratarem as mulheres, responde: "Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já foi dito" (CHRISTINE DE PIZAN, 2012, p. 75). Mais sobre o posicionamento de Christine de Pizan e de outras mulheres medievais pode ser lido no nosso texto: NOGUEIRA, 2018, p. 132-152.

ⁱⁱ Protagonista do célebre romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, Elizabeth Bennet é caracterizada pela sua sagacidade e coragem. No livro, ela contraria o sistema patriarcal continuamente, tanto em seu discurso quanto na prática. Hoje, ela é considerada por muitos um símbolo feminista.

ⁱⁱⁱ No português, *Um teto todo seu* (2014), publicado pela editora Tordesilhas, com tradução de Bia Nunes de Souza e notas de Noemi Jaffe.

^{iv} Pensando desta forma e não sendo tão rigorosos com o termo regionalismo, pensamos que podemos situar o conto de Joyce, *Eveline*, no cenário de um texto regionalista, afinal, como escrevem COELHO e VIANA, 2017, p. 85, *Eveline* e mais 14 contos são ambientados em um mesmo cenário que é a cidade de Dublin. Citando o crítico Terrence Brown, que faz uma introdução à Edição de 1992 do livro de Joyce, acrescentam as estudiosas: "[...] além do espaço, os contos também compartilhariam do mesmo tempo, o início do século XX, quando a cidade vivia um momento de declínio (p. xvii). O olhar clínico de Joyce sobre a miséria humana circulante nesse espaço urbano faz de Dubliners um retrato dessa sociedade, composta sobretudo por pessoas em situação economicamente frágil (p. xx- xxiii), que desfilam em roupas fictícias".